Centro de Pesquisa ATOPOS

Mídias nativas digitais e netativismo ecossistêmico – o caso da Rede Povos da Floresta[1]

Eliete da Silva Pereira[2]

Escola de Comunicações e Artes
Centro de Pesquisa ATOPOS
Universidade de São Paulo

Resumo
Este artigo tem por objetivo apresentar o conceito de "netativismo ecossistêmico" – a partir do caso da Rede Povos da Floresta – enquanto uma reflexão preliminar sobre a ação colaborativa em/na redes digitais, compreendida como 'mídias nativas digitais' favorável a um maior protagonismo e visibilidade dos saberes locais.

Palavras-chave
Mídias nativas; netativismo; ecossistemas informativos, saberes locais.

Este artigo busca uma primeira aproximação a respeito do que venha a ser a ação colaborativa em/na rede, que chamamos aqui de "netativismo ecossistêmico" a partir do caso da Rede Povos da Floresta – qualificado de "mídias nativas digitais". O que nos interessa examinar, neste momento, é o significado dessa relação: tecnologia comunicativa digital, ambiente e saberes locais (culturas locais), num contexto resultado das transformações tecnológicas e comunicativas favoráveis à 'posição de sujeitos' e à visibilidade das diferenças culturais. Para isso, na primeira parte deste artigo apresentaremos o conceito 'mídias nativas digitais', em seguida o conceito "netativismo", e finalmente, o caso da Rede Povos da Floresta, como um tipo de "netativismo ecossistêmico".

1. 'Mídias Nativas': um conceito em movimento

[1] Artigo científico apresentado ao eixo temático "Biopolítica, Vigilância e Ciberativismo" do IV Simpósio Nacional da ABCiber 201o.

[2] Graduada em História (UnB) e mestre em Ciências Sociais (Ceppac/UnB), é doutoranda em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). É pesquisadora do Centro de Pesquisa ATOPOS e coordenadora do evento bienal *Mídias Nativas*. E-mail: elipereira@usp.br

O termo "mídias nativas" foi originalmente proposto pelo sociólogo Massimo Di Felice na primeira edição do *Seminário Mídias Nativas*, ocorrida em São Paulo, de 17 a 19 outubro de 2006, organizado pelo Centro de Pesquisa em Comunicação Digital - ATOPOS da Escola de Comunicações e Artes da USP, no qual foram apresentadas as produções midiáticas e as narrativas eletrônicas indígenas, com a participação de comunicadores e produtores Guarani, Terena, Potiguara e pesquisadores acadêmicos[3].

Na ocasião da segunda edição do Seminário Mídias Nativas (São Paulo, 17 a 20 de março de 2008), Di Felice passou a expressar o conceito *mídias nativas* referindo-se às reflexões sobre a categoria estética, presente no livro *Obra Aberta* de Umberto Eco, no qual o termo 'obra aberta', entende-se como uma forma estética dinâmica dotada da capacidade de "assumir diversas e imprevistas estruturas fisicamente inacabadas, podemos definir como obras em movimento (...) – obras nas quais o receptor colabora efetivamente para a criação do objeto estético" (ECO *apud* DI FELICE in: http://www.grupoatopos.blogspot.com/).

Inspirado por essa perspectiva da forma estética "aberta e em movimento" de Eco, Di Felice considera *mídias nativas* como conceito aberto no âmbito das possibilidades que,

> em lugar de fechar a experiência e o conhecimento numa forma definida, o abre a pluralidades contraditórias de sentidos, práticas e significados. O conceito *Mídias Nativas*, pode ser definido, a partir deste ponto de vista, como um conceito aberto, isto é, um campo de possibilidade, um conceito em movimento que, com o tempo e as discussões, passa a assumir formas diversas. Desde o começo, *mídias nativas* foi pensado como um evento-laboratório no qual os conteúdos propostos pelas produções midiáticas dos participantes deveriam propor e elaborar significados. (Di Felice, in: http://www.grupoatopos.blogspot.com/).

Seguindo esse entendimento, a sua segunda edição[4], o conceito *mídias nativas* amplia-se, abrangendo as experiências de jovens de periferia (rappers, motoboys etc) e de outros

---

[3] Participaram da primeira edição do *Seminário Mídias Nativas*: Carlos Papá (Povo Guarani); Eliane Potiguara; Emídio Pereira Neto (Povo Terena); Giselda Jerá (Povo Guarani); João Felipe Gomes Marcos (Povo Terena); Marcos Terena; Olívio Jekupé (Povo Guarani); Prof.º Dr. º Andrea Lombardi (FFLCH/USP); Prof.ª Dr.ª Maria Luiza Tucci Carneiro (LEER-FFLCH/USP) Prof.ª Dr.ª Marta Rosa Amoroso (FFLCH/USP); Prof.º Dr. º Massimo Di Felice (ATOPOS/ECA/USP); Prof.º Dr. º Sérgio A. Domingues (UNESP-Marília); Silvia Pellegrino (Doutoranda FFLCH/USP). Também participei da mesa redonda sobre sites e da organização do evento.

[4] Participaram da segunda edição do *Seminário Mídias Nativas*: Adriano Ferreira (Portal Bocada Forte); Ana Carvalho (Projeto Vídeo nas Aldeias); Anápuáka Pataxó Hã Hã Hãe (Rede Índios Online); Andrea Lombardi (UFRJ); Ângela Pappiani (IDETI); Alessandro Buzo (Escritor); Alex Pankararu (Rede Índios Online); Atia Pankararu (Rede Índios Online); Cristhian Teófilo da Silva (Ceppac-UnB); Diana Suzuki (ATOPOS); Elena Nava (DAN-UnB); Eliete da Silva Pereira (ATOPOS); Evelyne Papatie (Povo Algonquin – Canadá); Fernão Ciampa (Embolex); Gaspar Z'Africa Brasil; Gerô Barbosa (Rádio Heliopolis); Gil Souza (Portal Bocada Forte); Giselda Jerá (Povo Guarani); Jurandir Sindiwê Xavante (Instituto das Tradições Indígenas); Manon Barbeau (Projeto Wapikoni – Canadá); Marcos Terena; Marcella Schneider Faria (ATOPOS); Maria Luiza Tucci Carneiro (LEER-FFLCH/USP); Marquito (Rádio Web CCSP); Massimo Di Felice (ATOPOS/ECA/USP); Naine Terena (Comunicadora indígena); Yakuy Tupinambá (Rede Índios Online); Olívio Jekupé (Escritor Guarani); Paulo Nassar (Aberje/ECA); Rodolfo Araújo (ATOPOS); Sérgio Domingues (Unesp-Marília); Sérgio Vaz (Cooperifa); Tio Pac (videomaker); Tião Nicomedes (blogger); Vinícius Pereira (UERJ).

grupos historicamente marginalizados que, nas palavras do sociólogo, "através das redes digitais, passaram a produzir conteúdo e a disponibilizá-lo na rede, destruindo assim a velha forma da esfera pública baseada em agenda-setting, líderes de opinião, público alvo etc." (Di Felice, in: http://www.grupoatopos.blogspot.com/).

Para Di Felice, as mídias nativas destacam o caráter "nativo" da mídia e não somente dos sujeitos produtores desses conteúdos. Transformando-se numa ruptura conceitual, em que as interações tecnológicas midiáticas são portadoras de significados para o social e para o âmbito da cultura: capazes de romper com as dualidades centro/periferia; cultura erudita/popular, técnica/humanos:

> uma deslocação conceitual importante que, pondo ênfase na crise do antropocentrismo, define as sociabilidades e as culturas contemporâneas como realidades que nascem nas redes e nos fluxos informativos digitais e que, em seguida, tomam formas e espaços em localidades e topografias conectadas. Abrem-se, assim, às possibilidades de pensar um novo conceito de virtualidade como também um outro conceito de social. Tornam-se, em tal perspectiva, inadequados um conjunto de conceitos (o de urbano, o de ator social) e um conjunto de dualidades que contrapõem o centro às periferias, a cultura erudita à cultura popular, a técnica ao homem, a mídia ao intelecto. (Di Felice, in: http://www.grupoatopos.blogspot.com/).

Essa acepção aberta e dinâmica de "mídias nativas" baseada na experiência comunicativa dos sujeitos indígenas e de 'periferia' e na reflexão colaborativa[5], refere-se principalmente às potencialidades dessas experimentações multimidiáticas em/da rede, para aquilo que o conceito possa traduzi-las como "um ecossistema no interior do qual habitam todos aqueles que criam idéias, pensamentos, culturas, tempo livre, prazer, arte, conteúdos na rede." (Di Felice, in: http://www.grupoatopos.blogspot.com/).

Inspirado nesse conceito em movimento, principalmente naquilo que entendemos como "mídias nativas digitais" a interação entre os dispositivos tecno-comunicativos digitais e os sujeitos produtores dos conteúdos, promovendo, portanto, a multiplicação de vozes e a pluralização dos pontos de vistas (VATTIMO, 1989). Estando, assim, de acordo com a consideração da vocação democrática das tecnologias de comunicação, motivada pelo seu incremento, como demonstrada ao longo da história das revoluções comunicativas (DI FELICE, 2009)[6].

---

[5] O espírito colaborativo do *II Seminário Mídias Nativas* esteve presente em todo o âmbito do evento, não só no conteúdo dos debates, mas desde a elaboração do cartaz, feito com fotos ou imagens enviadas pelos palestrantes do evento, à produção do evento realizada pela equipe de pesquisadores do Centro de Pesquisa ATOPOS.

[6] Quatro momentos importantes, assinaladas pelo sociólogo Massimo Di Felice (2009) que, marcadas pelas novas tecnologias comunicativas e novas práticas sociais, inovam as práticas de participação social na esfera pública. Segundo Di Felice: "A primeira revolução, surgida com a escrita no século V a.C., no Oriente Médio, e que configura a passagem da cultura e da sociedade oral para a cultura e a sociedade da escrita. A segunda,

Com vistas a contribuir ao debate diante de significativas experiências das culturas locais com as mídias digitais, neste artigo, apresentamos a Rede Povos da Floresta, como expressão exemplar de netativismo, considerando que essas ações colaborativas em/nas redes significam não só usos da internet por partes das comunidades vinculadas à Rede, mas formas de atuação local e de estar no mundo (de habitar, DI FELICE, 2009) em que a disseminação de discursos e dispositivos simbólicos veicula tecnologicamente dimensões cognitivas e novas práticas socioculturais.

2. Netativimo – ação colaborativa em/nas redes digitais

Quando analisamos a nova dinâmica dos movimentos sociais, em que a Internet tornou-se um componente indispensável do tipo de movimento social que está emergindo na sociedade em rede (CASTELLS, 2003, p. 116), o sociólogo Manuel Castells identifica três características: a primeira, que estes movimentos são mobilizados por valores culturais em torno do sistema de comunicação, ou seja, *"luta-se para mudar os códigos de significados nas instituições e na prática da sociedade"* (CASTELLS, 2003, p. 116). A segunda relaciona-se com a crise das organizações tradicionais de participação, por exemplo, dos partidos políticos. Como terceira e última, Castells identifica a forma como o poder vem funcionando de forma cada vez mais em redes globais. Os movimentos sociais estariam associados aos seus contextos locais, porém voltados para um impacto global, através de ações simbólicas.

Esse mesmo novo padrão de comunicação, instituído pela internet, baseado na integração de múltiplos modos de comunicação em redes digitalizadas, também possibilita a nova cultura que Castells identifica como a *cultura da virtualidade real* gerado pelo sistema de comunicação digital:

> um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais (…), no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transforma na experiência (CASTELLS, 2003, p. 395).

---

ocorrida na metade do século XV de nossa era, na Europa, provocada pela invenção dos caracteres móveis e pelo surgimento da impressão criada por Gutenberg, que causa a difusão da cultura do livro e da leitura, até então circunscritos a grupos privilegiados. A terceira, desenvolvida no Ocidente na época da Revolução Industrial, entre os séculos XIX e XX e que se relaciona com o começo da cultura de massa, realizada pelo advento da eletricidade e caracterizada pela difusão de mensagens veiculadas pelos meios de comunicação eletrônicos" (DI FELICE, 2009, p. 11). A quarta refere-se à revolução digital com o surgimento da internet e da comunicação móvel com os celulares com acesso à rede.

De fato, as ações dos sujeitos e dos movimentos sociais atuais incorporam as transformações comunicativas da sociedade, organizadas e amplificadas na rede e na virtualidade.

Esse componente comunicativo de ação social em/na rede, nos remete ao próprio termo *ciberativismo*, originário dos anos 90 do século XX, com o levante dos Zapatistas do sul México em 1994, e com os ativistas dos movimentos *no-global*, que saíram nas ruas de Seattle (1999), Genova (2001), Londres (2004) contra as forças políticas e econômicas globais. *Ciberativismo* refere-se, portanto, ao ativismo nascido e organizado na internet, pelo qual utiliza o alcance das arquiteturas informativas da rede para difundir informação, promover a discussão coletiva de idéias e a proposição de ações, criando canais de participação (LEMOS, 2003). Ativismo esse que subverte a noção instrumental da tecnologia e o conceito de participação, pelo qual através das interações com esses ambientes informacionais são experimentadas novas formas de atuação e ação direta, vinculadas à sistemática crítica às formas tradicionais de organização do poder.

A emergência da comunicação de todos a todos, onde não há a centralidade do emissor da informação, mas a multiplicação de seus produtores, juntamente com a flexibilidade digital dos bits, fez com que a estrutura reticular da internet favorecesse o surgimento desse tipo de ação, mesmo que seus usuários/produtores não dominem completamente os códigos de programação[7].

Compreendendo a dinâmica tecnológica imbricada em suas ressignificações sociais e culturais, associada ao potencial colaborativo das redes digitais da Web 2.0 das ações em/na rede, optamos pela designação de "netativismo"[8], termo originário do inglês "*netactivism*", simplificação da expressão *Network-Ativismo,* título da obra de Ed Schwartz (SCHWARTZ, 1996), referente à democracia eletrônica e às redes cidadãs de participação política. Por isso, embora o conceito *netativimo* esteja em reelaboração, pretende-se ultrapassar aquela análise dos usos da internet referida ao ciberativismo e propor estratégias analíticas com ênfase na

[7] Movimentos pelo software livre, contra os softwares proprietários, reivindicam o código aberto para que qualquer programa de computador possa ser modificado, usado e copiado sem restrições, defendendo, assim, a ética da liberdade pelos valores de compartilhamento e colaboração na rede. Para eles, o domínio do código fonte de um software proprietário é uma barreira real para a efetiva apropriação da internet por parte dos usuários.

[8] O conceito está sendo (re)elaborado por uma equipe do Centro de Pesquisa ATOPOS (ECA/USP), da qual faço parte, sob a coordenação do Prof. Dr. Massimo Di Felice (ECA/USP), com vistas a aprofundar seus significados associados aos diversos tipos de ações colaborativas em/na rede. Para isso, foi apresentado como projeto de pesquisa regular para a Fapesp intitulado: *"Netativimo: ações colaborativas e novas formas de participação em redes digitais"*, como parte da pesquisa internacional, de mesmo título, com mais três universidades parceiras: Universidade Paris V, Sorbonne Paris através do CeaQ – Centro de Estudo sobre o Atual e o Quotidiano; Universidade Nova de Lisboa e Universidade IULM de Milão.

ação em/na rede que envolve a 'posição de sujeitos' (Hall, 2003) a visibilidade das diferenças locais (enquanto saberes locais), a autonomia e o incentivo ao desenvolvimento sustentável local.

Entendendo a importância da tecnologia comunicativa na constituição dos fenômenos referentes à ação, daquilo que começa a se fazer presente nas redes digitais, pensando também a transformação da cultura, como analisada pelos estudos culturais, enquanto um local de diferenças (Johnson, 2006: 13) em que toda e qualquer produção cultural desloca as disposições de poder através do agenciamento político e da relação com os meios de comunicação (Hall, 2003).

Desde já, embora o interesse dos estudos culturais por estudos das mídias estejam associados aos estudos da comunicação de massa (TV, jornais etc), a sua abordagem sobre identidades locais, como posições de sujeitos associados aos seus contextos locais (Hall, 2003), nos ajudam a compreender a manifestação dessas identidades associadas aos saberes locais. Dessa forma, as redes digitais resultam na proliferação das diferenças e de tipos de localismo, como o que iremos analisar em seguida no caso das Redes dos Povos da Floresta.

3. A Rede Povos da Floresta – netativismo ecossistêmico

Criada em 2003 da revitalização da Aliança dos Povos da Floresta, entidade criada nos anos 80 por índios e seringueiros, com a liderança de Chico Mendes e Ailton Krenak, a Rede Povos da Floresta se apresenta como um movimento social que "reúne comunidades tradicionais e indígenas, unidas por um mesmo ideal de preservação do ambiente, de suas culturas tradicionais e de seus territórios originais"[9].

Advinda de uma mobilização consolidada na região da Amazônia que abrange, principalmente, o estado do Acre, a Rede Povos da Floresta vem nos últimos anos consolidando a rede entre povos indígenas (principalmente Ashaninka, Kontanawa, Kaxinawa), quilombolas, ribeirinhos e populações extrativistas. Tem por objetivo consolidar a rede dessas comunidades tradicionais conectadas para a preservação do ambiente – incluindo seus aspectos naturais, culturais e simbólicos e seus moradores tradicionais, através das tecnologias digitais de comunicação (internet e sistemas de georreferenciamento). Com isso busca articular um novo papel para as comunidades tradicionais, fortalecendo a gestão

[9] Trecho do site da Rede Povos da Floresta: http://www.redepovosdafloresta.org.br/gerExi.aspx?kwd=1. Acesso em 27 de agosto de 2010.

ambiental de áreas protegidas, com destaque "ao monitoramento, vigilância e educação ambiental, de forma articulada com as políticas culturais, ambientais e com as agendas de promoção da sustentabilidade"[10].

Ou seja, essa nova atuação dos povos da floresta – a partir da relação desses moradores tradicionais e o território, reelaborada com os sistemas comunicativos digitais – potencializa não só as conexões entre as comunidades, seus laços sociais, mas fomenta também a autonomia, a vigilância e o monitoriamento desses territórios. Conectadas à internet essas comunidades, podem se organizar e mobilizar projetos voltados para a comunidade, além de incentivar entre elas o desenvolvimento sustentável, com a promoção de iniciativas tradicionais de reflorestamento e comércio sustentável de produtos da região. Além do que, para eles, a "conexão via satélite torna-se uma ponte e democratiza a participação das lideranças e agentes comunitários na sociedade da informação"[11]. Isto é, permite essas populações o acesso às informações num contexto mais global.

Com apoio do governo federal, com o programa GESAC - Governo Eletrônico Sistema de Apoio ao Cidadão - foram instalados pontos de conexão via satélite em aldeias e comunidades ribeirinhas, abrangendo a Rede Povos da Floresta (RPF) em oitos pontos[12].

Para esses povos da RPF, a expressão da 'rede' significa a conexão digital desses atores sociais e comunidades, elementos dessa inteligência conectiva de saberes tradicionais. Baseada nas práticas culturais desses povos com o seu território, e sua interação com o ambiente, a rede favorece as "Rodas de Conversa", encontros que "valorizam as tradições orais de contar histórias e trocar experiências e sabedorias"[13].

Essa prática de registro da memória com as tecnologias de comunicação e informação torna-se um vetor do sentido de "comunidade ampliada", não só territorialmente definida, mas como "redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social" (WELLMAN *apud* CASTELLS, 2003, p. 106), como assim, Castells caracteriza o sentido de comunidade na (e com a) rede.

As redes comportam um significado novo na sociabilidade em que passa pelas escolhas e estratégias de atores sociais (CASTELLS, 2003, p. 107), e também demonstram a

---

[10] In: http://www.redepovosdafloresta.org.br/gerExi.aspx?kwd=6. Acesso em 27 de agosto de 2010.
[11] In: http://www.redepovosdafloresta.org.br/gerExi.aspx?kwd=6. Acesso em 27 de agosto de 2010.
[12] São esses pontos de conexão digital: Comunidade Kontanawa do Sete Estrela - Rio Tejo; Aldeia Kaxinawa do Breu - Comunidade Jacobina; Comunidade Belford - Rio Juruá; Vila Foz do Breu - Rio Juruá (distrito do município de Marechal Taumaturgo); Centro Yorenka Ãtame - Saberes da Floresta - Centro de Intercâmbio de Conhecimento (município de Marechal Thaumaturgo); Aldeia Apiwtxa (Ashaninka) - Rio Amônia; Foz do Bagé - Rio Bagé; Vila Restauração - Rio Tejo

[13] In: http://www.redepovosdafloresta.org.br/gerExi.aspx?kwd=6. Acesso em 27 de agosto de 2010.

influência das mídias na reorganização dos ambientes sociais nos quais as pessoas interagem. Segundo Joshua Meyrowitz a natureza dessa interação com as mídias "não é determinada pelo ambiente físico enquanto tal, mas pelos modelos de fluxos informativos" (MEYROWITZ, 1995, p. 153). Ele substitui o conceito de situação social associada ao lugar e ao comportamento, elaborado por Erving Goffman (1982), pelo conceito de sistema informativo e pelas considerações de M. McLuhan (1971) de que as mídias são extensões dos humanos e promotoras de transformações sociais.

Ao passo que essa extensão entre as mídias promotoras de fluxos comunicativos e a interação dessas comunidades tem-se, assim, um ecossistema integrador de elementos técnicos e sociais que, para o sociólogo Massimo Di Felice, instaura "uma forma de interação transorgânica entre sujeito, interfaces, informações e territórios, e não somente uma simples reterritorialização do espaço, realizada por um sujeito navegador-ator" (DI FELICE, 2009, p. 252), onde a deslocação não acontece mais no espaço, e sim nas informações (DI FELICE, *idem.*).

Assim, ao reelaborarmos a noção de netativismo, temos no caso da Rede Povos das Floresta, a noção de sujeitos e ambiente em que tanto o elemento humano e seus saberes tradicionais são ampliados e reelaborados na interação comunicativa. Dessa forma, essa mesma virtualização da informação reinventa as interações sociais na rede e ressignifica o modo de estar no mundo dessas comunidades tradicionais a partir dessa prática comunicativa. Esse modo de estar no mundo pode ser traduzido como *habitar atópico* aquilo que Di Felice designou como a digitalização do espaço, a interação entre sujeito e ambiente provocadora de uma deslocação transorgânica e informativa do mesmo:

> Uma vez reproduzido digitalmente o espaço, transformado o mesmo em informação, configura-se a formação de um habitar informativo, pós-arquitetônico e pós-geográfico que, multiplicando os significados e as práticas de interações com o ambiente, nos conduz a habitar naturezas diferentes e mundos no interior dos quais nos deslocamos informaticamente (DI FELICE, 2009, p. 22)

Essas conexões inauguradas pelas dinâmicas da Rede Povos da Floresta, parece, assim, apontar para uma ação colaborativa em rede – entre as comunidades tradicionais – e na rede digital – com interação desses povos com as arquitetura digitais de informação –, para aquilo que chamamos de "netativismo ecossistêmico", onde a ação na rede pressupõe as suas partes interagentes: as comunidades tradicionais (com os seus saberes locais), o ambiente e os fluxos comunicativos. É uma ação integrada, aberta às relações entre as suas partes pelas quais também formam esse ecossistema informativo.

Portanto, essas mídias nativas digitais, reapropriadas por esses povos, apontam para um modo atópico de estar e interagir no mundo com as tecnologias comunicativas que, no caso dessas populações e localidades conectadas, pode significar também, além da disseminação dos seus saberes tradicionais baseados na sua relação sustentável com a natureza, a visibilidade de sua diferença e a ação em rede entre essas comunidades e na rede através dos circuitos digitais.

Referências bibliográficas

CASTELLS, M. *A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
DI FELICE, M. (s/d) *Mídias Nativas*. [http://www.grupoatopos.blogspot.com. Acesso em 30/05/2010]
_____. (2009) *Paisagens pós-urbanas – O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*, São Paulo: Annablume.
HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais,* Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
JOHNSON, R. (2006) "O que é, afinal, Estudos Culturais?", SILVA, T. T. *O que é, afinal, Estudos Culturais?*, Belo Horizonte: Autêntica, pp. 07-131.
GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
LEMOS, A. "Ciberativismo". In: Correio Brasiliense, *Caderno Pensar,* 15 de novembro de 2003.
SCHWARTZ, Ed. *NetActivism: How Citizens Use the Internet.* O'Reilly, 1996
VATTIMO, G. *A sociedade transparente,* Lisboa: Edições 70, 1989.

Site consultado

Redes Povos da Floresta: http://www.redepovosdafloresta.org.br/